



## Universidades Lusíada

Lebre, Pedro Jorge Ribeiro Guedes, 1968-

### **Paisagens urbanas : propostas de reconfiguração**

<http://hdl.handle.net/11067/1104>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2014

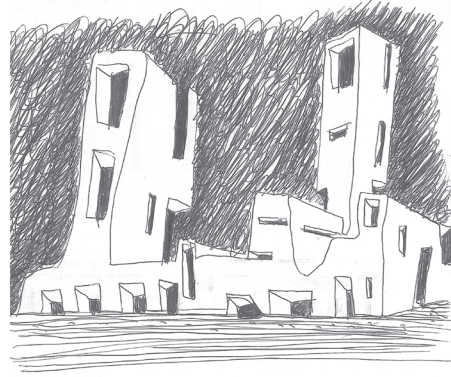
##### **Resumo**

A transformação da paisagem é o acto consequente da presença do Homem sobre a superfície terrestre, numa acção sobre a natureza e num processo que visa a sua própria sobrevivência. O exercício académico de Desenho Urbano coloca os alunos perante a simulação da profissão de Arquitecto: a ideia que se procura reconhecer na área a intervir até à concretização em registos técnicos da mesma. As propostas de desenho urbano não tem como objectivo resgatar esse território, mas simularem uma contrapropo...

##### **Tipo**

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T11:24:31Z com informação proveniente do Repositório



Volumes para um espaço imaginário.

## PAISAGENS URBANAS. PROPOSTAS DE RECONFIGURAÇÃO. PEDRO GUEDES LEBRE

Mestre Arquitecto/Universidade Lusíada de Lisboa

**Resumo:** A transformação da paisagem é o acto consequente da presença do Homem sobre a superfície terrestre, numa acção sobre a natureza e num processo que visa a sua própria sobrevivência.

O exercício académico de Desenho Urbano coloca os alunos perante a simulação da profissão de Arquitecto: a ideia que se procura reconhecer na área a intervir até à concretização em registos técnicos da mesma. As propostas de desenho urbano não tem como objectivo resgatar esse território, mas simularem uma contraproposta.

Pensar e desenhar partes de uma cidade é um exercício que incorpora no reconhecimento da realidade construída e vivida envolvente a vontade manifesta do autor para manipular e transformar contemporaneamente a sua imagem e os espaços públicos para o usufruto dos cidadãos que nele habitam.

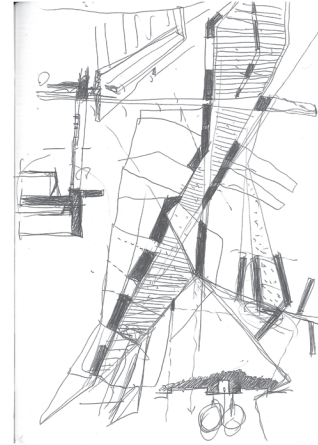
**Palavras-chave:** Paisagem; cidade; projectar; reconfigurar.

*“Valgato é terra ruim.*

*Fica no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados. O mais é terra amarela, nua até perder de vista. Não há searas em volta. Há a charneca sem fim, que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.”* (Manuel da Fonseca. 1990)

A paisagem no seu estado mais primevo, não é possível reconhecer nas imagens acima descritas por Manuel da Fonseca. Esta foi sendo progressivamente apagada das nossas memórias activas. Actualmente uma grande maioria de pessoas possui, no seu imaginário,

Desenhar o espaço público.



apenas um conjunto de imagens nostálgicas de algumas destas paisagens que aparentam conservar ainda a sua naturalidade. A transformação da paisagem é o acto consequente da presença do Homem sobre a superfície terrestre, numa acção sobre a natureza e num processo que visa a sua própria sobrevivência. As dimensões destas transformações não são mesuráveis, em toda a sua extensão, uma vez que estas podem ser consequência de uma simples queimada para criar condições para a exploração agrícola, a plantação de espécies arbóreas até à construção de uma habitação ou de um conjunto urbano. Qualquer um destes actos implica a manipulação do contexto territorial inicial, logo a criação de uma outra identidade que se sobrepõem à existente até à data da referida intervenção.

A este propósito recorro as palavras do arquitecto Manuel Vicente que após ter terminado a apresentação numa Conferência de um projecto realizado no atelier, o Centro de Alcalar, me disse que a nossa actuação projectual era a construção de uma outra topografia sobre a área da intervenção e não uma segunda conforme eu tinha proferido durante a referida apresentação. Esta pequena chamada de atenção consciencializa-nos para o facto de muitas das nossas intervenções serem sempre mais um extracto a sobrepor a todas os outros que foram acontecendo no cíclico devir dos tempos.

Reflectir presentemente sobre uma noção para a paisagem natural passa invariavelmente por procurar contrapor uma imagem idealizada da natureza a uma realidade profundamente reinventada e na maioria dos casos definitivamente construída. Se no primeiro caso apontamos para todo um conjunto de imagens de uma natureza ainda aparentemente virgem, acreditando que mesmo pela acção dos elementos naturais ela conserva preservado esse seu carácter, já o segundo caso afirma a realidade na qual habitamos, em que a definição mental e física para o homem contemporâneo, está intimamente vinculada aos mais diversos exercícios de configuração dos territórios.

A paisagem<sup>2</sup> é sempre uma construção, sendo a sua manifestação, natural ou artificial, o resultado de um processo de apropriação que conduz à inexoravelmente à sua metamorfose ou mesmo transfiguração<sup>3</sup>.

Este exercício secular de construção e reconstrução da paisagem nasce da necessidade do Homem domesticar a natureza para a transformar de acordo com as suas necessidades e vontades de época. Esta atitude manipuladora do território é revelada logo no preâmbulo do Livro II de Vitruvius sendo visível como o Arquitecto descreve a Alexandre a sua ideia para reinventar uma determinada parte do território conquistado: “ Sou Dinócrates, arquitecto macedónio, que te trago ideias e projectos dignos da tua celebridade. Planeei dar ao monte Atos a forma de uma estátua viril em cuja mão esquerda tracei as muralha de uma amplíssima cidade e na direita uma pátera que receberá água de todas as nascentes que existem nesse monte e da qual será lançada ao mar.”<sup>4</sup>

As intervenções urbanas são, por excelência, o exercício de transformação e construção da paisagem, a qual assumida como matéria-prima vai adquirindo, pelo somatório, sucessivos contornos de artificialização. Estas intervenções não são apenas a resultante dos inúmeros processos de sobreposição de estratos históricos que se vão acomodando uns nos outros ao longo dos tempos, mas acima de tudo são o laboratório ideal para as mais variadas experimentações em termos conceptuais decorrentes do espírito dos tempos.

Sendo o desenho urbano matéria da praxis do ofício do arquitecto e um campo fértil para a contínua experimentação arquitectónica, o programa da cadeira de Projecto do 4º ano da Universidade Lusíada de Lisboa tem, ao longo de vários anos, colocado aos alunos o desafio de procurarem respostas projectuais para um conjunto diferenciados de territórios, tendo como denominador comum e objectivo transversal a todas as áreas de intervenção dadas a reflexão sobre o pensar e construir Cidade.

Colocando o problema numa outra escala em termos da intervenção, facto de terem que lidar com maior número de variáveis, áreas com problemas e características próprias e limites que revelam, muitas das vezes, realidades distintas conduz a que as respostas sejam mais complexas e difíceis de estabilizar rapidamente. Existindo na proposição das referidas respostas um conjunto de invariantes, presentes em qualquer tipo ou escala do exercício arquitectónico, revelam-se também um outro conjunto de variáveis que só no exercício de desenho urbano são possíveis de serem colocadas, confrontadas e respondidas.

A dimensão do problema não se reduz apenas aos objectos arquitectónicos, é necessário articula-los numa lógica geométrica ou outra que lhes configure unidade e acima de tudo é necessário desenhar o vazio que habitamos. Este vazio, não podendo ser residual, é a manifestação maior do desenho urbano pois é condensador e portador dos níveis de urbanidade que almejamos para um determinado território.

Deste modo a aproximação e procura da resposta é sempre um processo mental transposto para as nossas ferramentas de representação, que pode ser sempre iniciado como o arquitecto Siza Vieira enuncia no ponto 1 do seu texto intitulado Oito pontos:

“ Pedem-me um depoimento sobre a minha actividade profissional. Escrevo algumas linhas, oito pontos quase ao acaso.

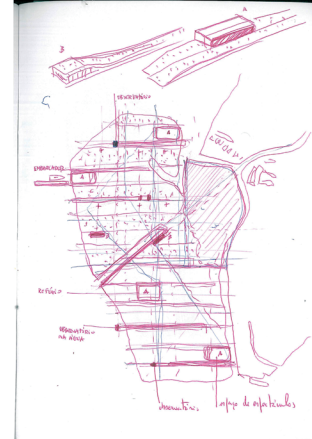
1 - Começo um projecto quando visito um sítio (programa e condicionalismo vagos, como quase sempre acontece).

Outras vezes começo antes, a partir da ideia que tenho de um sítio (uma descrição, uma fotografia, alguma coisa que li, uma indiscrição).

Não quer dizer que muito fique de um primeiro esquisso. Mas tudo começa.

Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação.

Proposta para concurso.



Muito do que antes desenhei (muito do que outros desenharam) flutua no interior do primeiro esquisso. Sem ordem. Tanto que pouco aparece do sítio que tudo invoca.

Nenhum sítio é deserto. Posso sempre ser um dos habitantes.

A ordem é a aproximação dos opostos.”<sup>5</sup>

Sendo um exercício de âmbito académico, o projecto urbano proposto aos alunos do 4º ano coloca - os perante a simulação da realidade da profissão de arquitecto: da ideia que se procura reconhecer na área a intervir à concretização em registos técnicos da mesma.

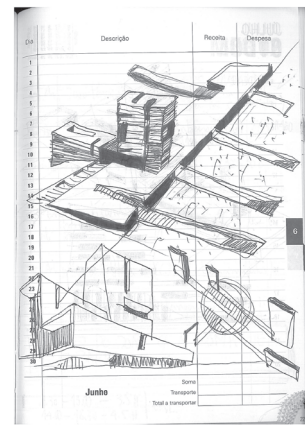
Os trabalhos académicos, no caso concreto todos os que foram realizados pelos alunos do 4º ano da Cadeira de Projecto II durante os anos lectivos de 2010/2011 e 2011/2012, espelham um universo de propostas que desenham novas lógicas de urbanidade através do sistema edificado decorrente do programa funcional, mas confrontam-se sobretudo com a necessidade de construir o vazio habitado, intencionalmente propor o desenho de espaço público.

No caso presente a área de intervenção, que acompanha estes dois anos lectivos, localiza-se em Caneças, no concelho de Odivelas tendo, apesar de programas diferentes, como tema nuclear pensar e construir urbanidade e espaço público num território de transição bastante desarticulado.

Toda a área de intervenção e a sua envolvente próxima revela, ainda que fragilmente, a aglutinação de um conjunto de realidade dispares entre si. Uma realidade, lida por somatório, na qual podemos ainda vislumbrar parcelas a recordar vagamente o campo, fontes cristalizadas nas memórias da qualidade e usos da sua água, um coberto vegetal privado assinalável e de grande dimensão (incluído na área encontra-se a Quinta dos Castanheiros), mas acima de tudo um retalho de construções heterogéneas e de espaços vazios aparentemente não habitados.

As propostas suportadas numa geometria, entendida no local ou reinventada, posicionam unitariamente os novos objectos arquitectónicos num processo de interacção destes com o construído existente, os limites dados pelas vias rodoviárias ou pela presença de outros elementos naturais, no caso a linha de água que atravessa subterraneamente e diagonalmente toda esta área.

As condicionantes do existente construído, as normativas regulamentares e a ambição de transformar o território estruturam as respostas projectuais, facto decorrente da circunstância do exercício da arquitectura ser sempre uma acção dialéctica entre a figuração da proposta arquitectónica e a reconfiguração de um determinado meio envolvente.



Ideias soltas.

Os objectos arquitectónicos propostos (Habitação Colectiva ou Unifamiliar e Equipamentos públicos) são os contentores físicos que configuram o vazio, intencionalmente desenhado, para a reflexão e proposição de espaços públicos que valorizem e estimulem a vivência social. A questão mais premente e uma das maiores lacunas deste território, para além da falta de um carácter unitário ou articulado do construído existente, é a ausência de espaços públicos para o usufruto dos cidadãos que nele habitam. Tomando como evidência esta premissa o enfoque do acto projectual tinha que incorporar o pensar e construir vazios habitados, espaços públicos qualificados, devidamente estruturados com o edificado proposto ou existente.

Há já algumas décadas que as estruturas urbanas, mantendo mais ou menos consolidado o seu núcleo inicial, na expansão dos seus limites ou aglutinação de limites próximos são factores portadores da permanente reciclagem da paisagem urbana, reconvertendo sistematicamente partes de cidade e implicando, na sua dispersão, que a dimensão urbana esteja em contínua transformação ou negação. Caneças não fugiu a este processo de expansão por sobreposição de vontades construídas contraditórias, pelo que questionar este território pelo olhar dos alunos é propor uma outra via para a sua abordagem.

As propostas de desenho urbano, para uma determinada parte de cidade ou região, não tem como objectivo primeiro redimir esse território, mas simularem uma contraproposta. Esta, ancorada no reconhecimento das virtudes e das falências dos mesmos, impulsiona o desenho para a sua inequívoca transformação.

“Antigamente, o Largo era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a vila. O vento dá nas faias e a ramaria farfalha num suave gemido, o pó redemoinha e cai sobre o chão deserto. Ninguém. A vida mudou-se para o outro lado da Vila.”<sup>6</sup> (Manuel da Fonseca. 1982)

NOTAS:

1. FONSECA, Manuel. 1990. Aldeia Nova. Editorial Caminho. Pp. 15
2. Na terceira parte do seu livro Paisagem Urbana, Gordon Cullen propõem as seguintes categorizações para a paisagem “ Consideraremos em primeiro lugar as grandes categorias ou sejam: metrópole, cidade, arcádia, parque, zona industrial, zona rural e solo virgem. Estas são as categorias tradicionais, mas não há qualquer certeza de que continuem a existir na sua forma actual.” CULLEN, Gordon. 1988. Paisagem Urbana. Edições 70, Lda. Pp. 59.
3. “Procurando, encontrando, perdendo, e reencontrando a forma de distinguir aquilo que é produzido pela natureza daquilo que é feito pelos homens, ...” pp63
4. MACIEL, Justino M. 2006. Vitruvius. Tratado de Arquitectura. ISTPRESS. Pp. 69
5. MURO, Carles. 1995. Álvaro Siza. Escrits. Edicions UPC. Pp. 27.
6. FONSECA, Manuel. 1982. O Fogo e as Cinzas. Editorial Caminho. Pp. 23